

PORTELA GUARIN, Hugo. *La Epidemiología intercultural: argumentaciones, requerimientos y propuestas*. Editorial Universidad del Cauca. Popayán, Colombia, 2008.

Ari Ghiggi Junior

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: ari.ghiggi@gmail.com

O multiculturalismo como base dos discursos constitucionais, presente na maioria dos países da América Latina, tem colocado em suspeita as competências estatais e suas respectivas efetivações como instâncias tolerantes em relação à diversidade sociocultural. Neste livro, Hugo Portela Guarín reflete sobre as bases de implementação de políticas de saúde na Colômbia a partir da sua experiência como antropólogo em projetos dessa natureza. A antropologia médica, um campo em ascensão em seu país, leva o autor a pensar sobre uma alternativa para as atuais diretrizes que orientam tais políticas entre populações indígenas e mestiças. Em relação ao contexto abordado, o autor ressalta certa urgência em se estabelecer critérios que articulem propostas de colaboração entre saberes oriundos de diferentes contextos.

Essa aptidão dialógica é uma das marcas do livro, a qual Portela Guarín traz da relação com seu orientador Gilles Bibeau – reconhecido pelos estudos sobre emergência de redes e circulação de sujeitos a partir do recorte dos processos de saúde/enfermidade. Para Bibeau (1997), o foco nos atores é uma saída para abordar os contextos marcados por mudanças rápidas e por relações interculturais intensas.

A outra marca é a inserção do livro em um movimento bastante atual, elaborado pela antropologia médica latino-americana, em relação aos estudos que embasam as políticas de saúde. Autores como Haro (2010) têm argumentado que a abordagem antropológica deve atuar

como um aporte da epidemiologia, e não como uma mera atitude de mediação e facilitação para introdução de programas de saúde junto a minorias étnicas ou sociais. Para uma colaboração consistente entre os dois campos, as singularidades socioculturais devem ser expressas em categorias epidemiológicas. Trata-se de uma tarefa complexa que exige abertura a noções diversas de saúde/enfermidade, além de uma pesquisa etnográfica séria.

Dessa forma, o argumento de Portela Guarín é uma resposta à constatação de que as políticas oficiais em saúde ainda partem de uma visão epidemiológica positivista. Isso implica que os processos socioculturais de saúde e enfermidade se resumem em variáveis quantificáveis de perfis elaborados a partir de cálculos estatísticos da prevalência das doenças classificáveis pela biomedicina sobre uma população. Esse tipo de atitude fragmenta a realidade holística e gera apenas uma aparência de totalidade, deixando de lado as circunstâncias críticas e contraditórias dos processos de saúde e enfermidade. A aparência de realidade sanitária criada, segundo o autor, estandardiza os problemas de saúde de determinada população e evidencia uma sensação de correspondência entre tais problemas e as necessidades de serviços, ao mesmo tempo em que remete a certa suficiência dos conhecimentos objetivos abordados pela epidemiologia para efetiva adaptação das políticas administrativas a contextos específicos. Portela Guarín (2008, p. 48) lembra que

[...] una reorganización debe fundamentarse em una filosofía y práctica a partir del análisis del funcionamiento actual del sector [de saúde], com um amplio conocimiento de los conflictos y dificultades que viven cotidianamente tanto las personas que solicitan los servicios como los encargados de administrarlos, em uma perspectiva más social que individual y que comprometa la red social, la familia y las personas que viven la enfermedad.

A realidade latino-americana, especialmente a colombiana, revela uma variedade de sistemas médicos que envolvem o reconhecimento de uma série de saberes locais sobre enfermidades e práticas empregadas no seu saneamento. Essas medidas locais coexistem, reelaboram e adaptam-se às próprias atitudes biomédicas oficiais, pautadas no

conhecimento científico disseminado a partir de um ideal sanitarista vigente no desenrolar do século XX nos chamados países subdesenvolvidos. Essa coexistência entre saberes, para o autor, é condição fundamental e ponto de partida para formas dialógicas de promoção de políticas de saúde coerentes e efetivas em contextos *sui generis*. A combinação desses vários saberes e práticas médicas, pelas pessoas enfermas e por diferentes agentes de saúde, faz emergir diagnósticos e terapêuticas a partir de diferentes procedências construindo ou integrando novas práticas culturais.

Variedades médicas com enfoques paradigmáticos diferentes são tratadas pelo autor como “culturas de saúde” a partir do princípio que concebe as culturas humanas como híbridas e inseridas em processos históricos. Portela Guarín remete à necessidade reflexão teórico conceitual para dar conta de uma multiplicidade de dimensões da saúde no reconhecimento e compreensão dos aportes da diversidade. A construção de uma epidemiologia intercultural como suporte às políticas de saúde da Colômbia dar-se-ia nesse sentido. A ideia é tomar como foco a análise dos processos de saúde e enfermidade, e a própria construção de perfis epidemiológicos, de acordo com as culturas de saúde em contextos sociais, políticos econômicos e geográficos específicos. A exploração de estratégias que visem confluências das visões da antropologia e epidemiologia em um complemento teórico metodológico é fundamental.

Portela Guarín nota que os saberes das comunidades têm sido provados por milênios, e se caracterizam por uma profunda estruturação que garante sua perdurabilidade biocultural. Ele propõe que para propiciar um diálogo entre os diversos saberes – tanto os locais quanto os que fundamentam as próprias políticas públicas – é importante partir de uma reconceitualização que permita colocá-los em um mesmo plano de igualdade, o que significa dizer que as “culturas de saúde” devem ser valorizadas analogamente às epistemologias que guiam a própria medicina ocidental, ou seja, como verdadeiras construções de conhecimento. Como ressalta o autor ao longo do texto, reconhecer a existência de várias formas de conhecer e a complementaridade entre elas é fundamental para dar conta de uma dimensão holística das realidades.

Assim, a ideia central do livro é estabelecer uma proposta para aproximar concepções até então separadas para a construção de epidemiologias interculturais a partir da valorização de epistemologias locais na conformação de uma teoria geral da saúde, onde uma tarefa primordial é evidenciar a própria complexidade no diálogo entre os saberes. A interculturalidade

[...] centra el interes em la interacción, em la mutua influencia de los aportes de la diversidad de las culturas como revitalización diferenciada – com evidencias em el sincretismo y el mestizaje -, y com distanciamiento del modelo de fusión cultural – en los que existe perdida de identidad propia -, em El contexto de la globalización económica, política e ideológica, y de la revolución tecnológica de las comunicaciones y los transportes. (Portela Guarín, 2008, p. 89)

É um diálogo desejado que ainda não se efetiva quando entram em relação paradigmas e cosmovisões diferentes, apesar dos princípios multiculturais presentes nos germes dos estados democráticos modernos. Para tal superação, a partir de uma perspectiva pós-colonial que possibilite a inter-relação de vozes históricas, Portela propõe que a antropologia médica seja tomada como uma “produção social” e não um mero instrumento.

É nesse sentido, por exemplo, que a ideia de ser humano como uma integridade biocultural aparece como dificuldade quando enquadrada em qualquer lógica de conhecimento estrita. A centralidade da noção de corpo revela-se na sua qualidade de instrumento primordial de atuação do ser humano frente à natureza, o qual é socializado e culturalizado no interior de uma história. Para Portela Guarín (2008, p. 40),

[...] una perspectiva deseable debe abandonar al cuerpo humano como individuo y ser biológico, para desplazarse a lo social grupal o colectivo, deben abordarse las instancias individual e colectiva em la medida que la una integra la outra, talvez es aqui donde se presenta la gran dificultad en la articulacion de lós diversos componentes que permiten aproximarse al sentido del proceso de salud y enfermedad.

As análises diferenciadas das situações de saúde e enfermidade das populações, tomadas de acordo com suas formas de conceber e viver esses processos, devem partir de marcos conceituais – como cosmovisão, noção de corpo humano e sociedade – que promovem comparações e estabelecem limites e possibilidades do conhecimento médico. Mais do que estabelecer prevalência e incidência das enfermidades identificadas pela biomedicina, é necessário estabelecê-las a partir das próprias classificações culturais das enfermidades.

Para Portela Guarín, o diálogo intercultural desvela duas características na relação entre os saberes: uma aponta para o peso qualitativo do diálogo, com resultados de consenso onde são elaboradas importantes concepções culturais que se evidenciam através de suas expressões linguísticas, o substrato espacial e o simbolismo que contextualiza; e outra que aponta para o seu peso quantitativo onde não há uma relação de saberes, mas uma relação de poder. Nesse sentido, a antropologia além de identificar os espaços onde se efetiva o diálogo intercultural com seus componentes estruturantes, contribuiria para elaboração de um ambiente capaz de promover as condições de articulação das distintas visões de mundo identificando e equalizando os sujeitos diferentes no campo de saber/poder.

O autor sugere que uma aproximação dos saberes requer um exercício investigativo que transcenda as formas de conhecer no intuito de modificar a relação ortodoxa do tipo sujeito/objeto para uma relação participativa entre sujeitos. Desse modo, agrega-se à discussão a problematização da visão etnocentrista do investigador em saúde a nível estrito a partir de uma autocrítica na consideração de uma abordagem da realidade de pesquisa que enquadra sua própria subjetividade.

El diálogo de saberes dejaría de ser una falacia si se generara un ambiente con las condiciones para articular las distintas visiones de mundo, donde se permitiera a los actantes de la experiencia observar todas las dimensiones que conforman su ser, estar, tener, querer, expresar, y sentir, dinamizando una sinergia cognitiva para la construcción de complejos mapas conceptuales que incluyera las múltiples visiones a la manera de una sinápsis. (Postela Guarín, 2008, p. 60)

Apesar de Portela Guarín desenvolver seu argumento voltado em um âmbito mais abstrato, de como os saberes são constituídos a partir de processos comunicativos simbólicos, sua proposta é animadora principalmente por situar a expertise antropológica em uma temática tão cara e importante atualmente. Longe de uma discussão vazia e estritamente voltada ao academicismo, os argumentos revelam uma preocupação com a inserção política do conhecimento antropológico.

Durante a última década, Portela Guarín atuou no desenvolvimento do *Plan de Vida* junto a algumas comunidades Siona na Colômbia (Portela Guarín, 2003), um projeto guiado pelas próprias comunidades e inserido no seu programa dialógico intercultural participativo. Foi elaborado em resposta a uma demanda governamental que visava definição de diretrizes em saúde e educação para as referidas localidades.

Em suma, o trabalho de Portela Guarín é altamente relevante porque enriquece o debate no campo da saúde indígena no Brasil. Minimamente, ele fornece pistas para outras aproximações possíveis à tão desejada agenda de *atenção diferenciada*. (Brasil, 2002)

O livro está dividido em três capítulos precedidos de breve introdução e preâmbulo. A linguagem é bastante acessível a leitores interessados de diferentes níveis e áreas de conhecimento. Isso revela o notável esforço do autor, em 162 páginas, para tornar claros os conceitos e as noções antropológicas centrais no debate.

Atualmente, Hugo Portela Guarín é professor na Universidad del Cauca, onde coordena o grupo de investigação Antropos. Também é colaborador na rede de pesquisas “Saúde: Práticas Locais, Experiências e Políticas Públicas”, vinculada ao Instituto Nacional de Pesquisas Brasil Plural.

Referências

BIBEAU, Gilles. At Work in the Fields of Public Health: the abuse of rationality. *Medical Anthropology Quarterly*, 11(2):246-255, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde. *Política nacional de atenção à saúde dos povos indígenas*. 2. ed. Brasília, DF, Fundação Nacional de Saúde, 2002.

HARO, Jesús Armando. Presentación. Ejes de discusión en la propuesta de una epidemiología sociocultural. *In*: HARO, Jesús Armando (Org.). *Epidemiología sociocultural: um diálogo en torno a su sentido, métodos y alcances* Buenos Aires: Lugar Editorial, 2010.

PORTELA GUARÍN, Hugo *et al.* *Plan de Vida del Pueblo Siona Ga'ntëya bain*. Popayán, Editorial Universidad del Cauca, 2003.

Recebido em 04/08/2013

Aceito em 19/08/2013